

ORQUIDÁRIO



Volume 8, nº3
julho a setembro de 1994

OrquidaRIO - Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C.

DIRETORIA - Biênio 1994/96:

Presidente: Hans O. J. Frank.

Vice-Presidente: Leda Marques Teixeira.

Diretor da Área Técnica: Carlos A. A. de Gouveia.

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Yvan Lassance de Oliveira.

Diretor da Área Administrativo-Financeira: Nilson M. Moneró.

Presidentes Anteriores:

1. Edward G. Kilpatrick, 1986/1987;
2. Álvaro Pessoa, 1987/1990;
3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994.

Conselho Deliberativo, 1994/96:

Presidente: Paulo Dâmaso Peres

Membros: Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto, José Luiz C. Rodrigues, Gustavo C. Coimbra e Hélio Maurício Bittencourt.

Revista Orquidário

Comissão Editorial: Álvaro Pessoa, Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo de Brito Pereira, Roberto Agnes e Waldemar Scheliga.

Editor: Raimundo A. E. Mesquita

A Revista circula, trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída, gratuitamente, aos Associados da OrquidaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial e devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, em papel A-4, ou compostos em computador, usando um dos seguintes processadores de texto: Page Maker, Ami Pro, Word, Carta Certa, ou outro compatível com Windows, ou, ainda, Windows Write e DOS-Editor. Podem os autores remeter o disquete em que composto o texto, mas sempre acompanhado de uma cópia impressa. Aceitos serão publicados em um dos números de Orquidário. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço e remetido os selos para remessa postal.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e a identificação do fotógrafo. Quando em preto e branco ou cromos, devem vir acompanhadas de negativos. Para fotos a cores Orquidário dá preferência a "slides", podendo os autores remeter o fotolito já preparado para publicação. Para remessa dos fotolitos combinar, antes, com R. Mesquita - Tel. (+55)(021)233-2314, para ajuste de especificações e tamanho.

Propaganda e matéria paga, com indicação do mês de publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a Revista o direito de rejeitar, sem explicitação dos motivos.

O título da revista é de propriedade da OrquidaRIO, tendo sido feito o depósito legal na Biblioteca Nacional, estando, também, registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicadas, desde que não esteja sujeita a reserva de direito autoral (©) pode ser reproduzida para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifique os autores.

Preços

Filiação e Contribuição anual			
Preços em URV	1 ano	2 anos	3 anos
Contribuição de Sócios	19,5	37	55
Sócios novos - filiação	21	38,5	56
Overseas subscriptions rates:	1 year	2 years	3 years
by AIR MAIL, add US\$8.00 per year. US\$25.00 US\$48.00 US\$68.00			

Toda correspondência deve ser dirigida à OrquidaRIO, aos cuidados da Secretaria Geral, rua Visconde de Inhaúma 134/933, 20.091-000, Centro, Rio de Janeiro, RJ. Por telefone (+55212332314), com Helena Eyer, ou Fax (+55212535447).

Composto e diagramado na Guilda do Raio F. Fotolitos: Densicolor, Rio. Impresso na Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rio. Tudo em maio/junho de 1994, ano da OrchiRIO 94.

54

Textos

- Mensagem do Presidente.
des PINARDS. A Hibridos, por que?
MONERO, N. Orquideas em Azulejaria.
FAGNANI et alii - Orquideas do Rio
Bananal.
SCHELIGA, W. O Mistério se Adensa...
STANCATO E Z Aidan - Propagação
de Orquideas com uso de bulbos traseiros.

72

Perfis

74

Seções

Pelas Livrarias
As Dúvidas dos Sócios

Créditos de Ilustrações

Capa e pags. 56,
57, 58 e 59: Raimundo Mesquita; pags. 60 e 64:
Mario Abreu de Almeida; Última Capa e
pag. 67: Maria da Penha K. Fagnani; pags. 61 e
63: Carlos Ivan da Silva Siqueira; pag. 67: Fran-
cisca Miranda.

Notas Capas

As capas deste número são
referidas e fazem parte dos artigos "Híbridos,
por que?" e "Orquideas do Rio do Bananal".
A Capa mostra, em foto de R. Mesquita, uma
Cattleya Hybrida alba (*C. loddigesii* alba x
C. guttata alba) e a última capa mostra, em
foto de Maria da Penha Fagnani, um pouco da
beleza da mata da Serra dos Órgãos, como
parte do segundo texto acima referido.

INDICE

Orquidário

ISSN 0103-6750

Vol. 8, nº 3 julho/set. de 1994

Uma Alegoria

Quiz o destino que a minha primeira mensagem como presidente da Orquidário não pudesse ser uma palavra de alegria, mas marcada de tristeza para anunciar a perda de uma grande planta, dessas raras, de flores belíssimas e de forma única.

Durante anos convivi com aquele magnífico espécime e, porisso, conhecia-o bem. Sempre foi muito exigente. Não admitia o menor erro no seu cultivo, tudo em seu meio tinha que estar absolutamente correto: limpeza, adubação, luz, ventilação, rega, enfim, tudo que se pode exigir para o adequado cultivo e deve ser dispensado a uma orquídea rara.

E aquele perfeccionismo, nada egoísta, se irradiava às outras plantas, ao seu redor. Todas aprenderam com ela e usufruíram de sua sabedoria, tornando-se um pouco melhores, a cada dia.

Agora ela se foi e nós todos estamos nos sentindo um pouco órfãos.

As visitas à Florália, as reuniões periódicas, os grandes eventos, nunca mais serão os mesmos, porque estará faltando Siegwald Odebrecht, o nosso Zico.

Hans D. J. Franke



Híbridos, por que?

Antoine des Épinards^(*)

Trad. Raimundo Mesquita

A FECUNDAÇÃO, SABE-SE, É O mecanismo de perpetuação das espécies vivas. Nos vegetais, isso se dá através da flor, pela polinização, i. e., pelo contato do polen, situado no estame, com as superfícies estigmáticas existentes no pistilo.

O homem, esse animal curioso, descobriu que, entre flores, até, mesmo, de espécies e gêneros diferentes, existem compatibilidades que as tornam fecundáveis, gerando, assim, gêneros e espécies, novos, que bem provavelmente não existiriam sem sua intervenção. Sentindo-se uma espécie de Criador, o homem passou a hibridar para seu próprio gozo e em nada preocupado com preservação de espécies, mas com outro tipo de interesse e finalidade.

Sempre me pareceu do maior interesse pesquisar e tentar identificar quais são estes interesses e finalidades.

Creio que seria possível alinhar os seguintes:

a) motivos de natureza comercial:

- ♦ produção de flores para todos os períodos do ano (de lembrar os esforços para antecipar e alongar o período de floração dos produtores que trabalham com um só gênero, *Cymbidium* ou *Dendrobium* do tipo nobile, para exemplificar);
- ♦ aspectos econômicos, determinando a moda de plantas compactas, de que são exemplos as *Cattleyas* miniatura e o largo uso de *Sophronitis*

para obtenção de híbridos compactos que ocupem pouco espaço nas bancadas comerciais e nos locais de cultivo dos amadores;

♦ necessidades comerciais de apresentar novidades como instrumento de incremento de vendas;

b) motivos funcionais, das organizações preservacionistas e sociedades orquidófilas;

c) motivos dos cultivadores amadores:

- ♦ estéticos;
- ♦ maior facilidade de cultivo;
- ♦ planejamento de floração para todos os períodos do ano;
- ♦ curiosidade e moda.

A motivação comercial parece ser suficientemente evidente para me dispensar de maiores alongamentos, a não ser nos aspectos que realmente interessam em publicação dedicada à horticultura, ou seja, a enorme contribuição que a atividade econômica tem trazido para a beleza e melhoria dos padrões florísticos.

Não se pode desconhecer o fato de que a pesquisa e busca de novos cruzamentos, o estabelecimento de linhas de hibridação é constante na atividade dos orquidários comerciais, sendo mesmo parte do seu "fundo de comércio". Quem, não associa, por exemplo, o desenvolvimento de padrões de hibridação de *Cattleyas* de flores grandes, com a Florália, no Brasil, ou de *Phalaenopsis*, na França, com Vacherot &

Lécoufle, de *Miltoniopsis* com Wichmann, na Alemanha e a Fundação Eric Young, na Inglaterra, ou, ainda, nos Estados Unidos, de *Vanda*, com Robert Fuchs ou Martin Motes?

Não se pode, ainda, desconhecer que o trabalho de hibridação é uma busca permanente, que, mais das vezes, ultrapassa o tempo de vida do hibridador e os potenciais de beleza que ele descobriu, ou que permaneceram apenas virtuais e vão sendo desdobrados por outros numa longa linha de tradição. Posso citar, para ilustração, exemplos como *Slc. Hazel Boyd*, planta das mais premiadas de toda a história do julgamento de orquídeas ou *Phal. French Delight*, uma bela florzinha pintalgada, que é o resultado de 254 cruzamentos que se iniciaram em 1887 e só em 1990 atingiram aquele nível de per-



Phal. French Delight Cultivo e Foto: R. Mesquita
 desenvolvendo, jamais terão intuído, quando fizeram, em 1856 por exemplo, a *Cattleya Hardyana* (*C. dowiana* x *C. warscewiczii*) que um dia por sucessivos cruzamentos se atingiria uma *Slc. Hazel Boyd*, mas terão buscado com certeza algum objetivo dentre aqueles que, como os alinhados acima, levam alguém a desenvolver um programa de hibridação.

No mais, como disse o grande hibridador nipo-americano Roy Fukumura, é sorte, observação e uso de boas matrizes, por que se se usa matrizes ruins até um FCC fica prejudicado, ainda que a planta tenha direito de referir que aquele cruzamento recebeu uma premiação...

A orquidicultura tem isto de importante, tradição e, ao lado disto, o registro feito pela autoridade internacional, a Royal Horticultural Society. Esse registro que, se é um reconhecimento de direito autoral, fica no campo moral e não significa restrição a que outros trabalhem na mesma linha, nem que refaçam um cruzamento já registrado, mesmo que seja para fins comerciais. Isto tem permitido um grande avanço nos padrões de hibridação, pois, como se sabe, o cruzamento de duas plantas que já produziram um híbrido existente e registrado nunca repete os mesmos padrões e características (cor, tamanho, etc.) do cruzamento primitivo. Tomem-se híbridos históricos, feitos na fase heroica dos

Espécies usadas em <i>Phal. French Delight</i>			
Espécie	Gênero	Como ovário	Como Polen
<i>amabilis</i>	<i>Phalaenopsis</i>	60	0
<i>apicalis</i>	<i>Phal.</i>	51	0
<i>equata</i>	<i>Phal.</i>	0	4
<i>rimontaliana</i>	<i>Phal.</i>	3	81
<i>undulata</i>	<i>Phal.</i>	4	10
<i>schilleriana</i>	<i>Phal.</i>	14	18
<i>stuartiana</i>	<i>Phal.</i>	0	9
Fonte: <i>RHS System, Ver. 2</i>		132	122

feição e beleza. Mas tal nível é apenas provisório, já que outros hibridadores, buscando beleza e novas formas, já devem estar cruzando aquela flor, com outra que lhe trará algo novo e diferente, que aguçará, nos cultivadores, a curiosidade e o desejo de possuir novidades, flor que merecerá premiações e se valorizará...

Não quero dizer, com os exemplos que dei, que resultem de um projeto de hibridação predeterminado, perfeito e acabado. Longe disso, os que iniciaram os cruzamentos que chegaram aos resultados com que illustrei a tese que vinha de-

começos da orquidofilia na Europa, como *Lc. Eximia* (*Laelia purpurata* x *Cattleya warneri*) ou *Cattleya Hybrida* (*Cattleya loddigesii* x *Cattleya guttata*), que, quando refeitos, hoje, com o uso de melhores espécimes e aplicação de hormônios e técnicas de engenharia genética, apresentam resultados muito melhores.



Sle Hazel Boyd 'March Lyott' Cultivo e foto R. Mesquita

Na sequência, continuaremos tentando identificar as motivações dos outros segmentos acima identificados e o que os leva a produzir, estimular a produção e a consumir híbridos.

Composição de Sle. Hazel Boyd			
Espécies	Gêneros	Ovário	Polen
aurantiaca	C.	1	0
bicolor	C.	1	0
dowiana	C.	6	2
luddemariana	C.	0	2
mendeli	C.	0	1
mosiae	C.	1	1
schroderae	C.	1	0
trianaei	C.	1	1
warcewiczii	C.	2	2
cinnabarina	L.	3	0
flava	L.	0	1
harpophylla	L.	0	2
purpurata	L.	0	3
tenebrosa	L.	0	1
coccinea	Soph.	0	2

Fonte: RHS System Ver 2

16 18

* *Pointe-à-Pitre*
Guadeloupe



Orquídeas em azulejaria

Nilson Moneró (*)

Observo que, cada vez mais, as peças decorativas e artísticas, relacionam-se com outro tipo de "hobby", quer seja na porcelana, pintura, filatelia, ou, mesmo, em desenhos. No meu caso, o "hobby" orquídea, não conflita com outra paixão que coleciono: "azulejos". Por isto decidi contar aqui um pouco da história

coloridos e em relevo (alto ou baixo), que datam do final do século XIX e início do corrente.

A azulejaria apareceu na Europa, introduzida pelos árabes na Península Ibérica, expandindo-se, depois pela Holanda, Itália, França, Inglaterra, Bélgica e Alemanha.

O período das rotas marítimas e das descobertas, trouxe para o Novo Mundo (Brasil e América Hispânica), a arte da azulejaria, como revestimento e decoração de casas e edifícios.

Ao início da colonização portuguesa no Brasil, os azulejos vinham de Portugal como lastro dos navios. Só a partir da vinda da corte real e das missões artísticas, em 1808, abre-se o mercado brasileiro para importação de azulejos de outros países.

É dessa época a moda, no Brasil, da fachada azulejada, moda que, logo, é imitada em outros países. Os azulejos são usados para decorar igrejas,

jardins, monumentos, banheiros, cozinhas e varandas.

Quando e como surgiram os azulejos com motivos de orquídeas?

O movimento artístico, denominado de "Art Nouveau", que buscou inspiração nas culturas asiáticas, surgiu, na França, por volta de 1895, introduziu, na azulejaria, lindos motivos florais. Com orquídeas são poucos e raros, geralmente estilizados, não permitindo reconhecimento com base na morfologia, provavelmente pelo fato de os motivos se basearem em plantas e flores de herbários, deformadas pelas prensagem ou secas.

Existem, também, azulejos com motivos de orquídeas em "art déco", com suas linhas retas contrapondo-se às formas



da azulejaria com motivos de orquídeas.

Os mais importantes e antigos azulejos encontram-se na Mesopotâmia (Torre de Babel e Portão de Ishtar), na Assíria (Palácio de Ninroude - século IX A.C.).

O termo azulejo, em português e espanhol, deriva do árabe **alzuleich**. Em inglês, "tile" ou "walltile", e, em francês, "carreau" ou "carrelage", derivam do verbo latino "tegere" (tégula) que tem um significado bem expressivo: pedra brilhante.

No formato os azulejos são bem variados: hexagonais, otogonais, triangulares e quadrangulares, que são os mais usuais. Há vários tipos de azulejos, mas os mais belos, do meu ponto de vista, são os

do movimento da "art nouveau". O movimento "art déco" teve vida muito curta no Brasil.

Já na azulejaria chamada colonial portuguesa, de entre os séculos XIV e XIX, os artistas que se utilizaram de motivos florais usaram, quase exclusivamente, plantas e flores europeias. Esta é, seguramente, a razão de não se verem orquídeas como motivos, por serem as mais belas, que acabaram dominando o gosto florístico a partir do século XIX, sobretudo na Inglaterra, plantas tropicais e pouco conhecidas na Europa.

A maior incidência de azulejos art déco e art nouveau, no Brasil, tem origem na Inglaterra, França, Alemanha e Bélgica.

Concluindo, quero dizer que a parte mais importante deste artigo são as ilustrações, que me permitiram a oportunidade de mostrar algumas belas peças da minha coleção, montada com ajuda de amigos, de outros colecionadores e, também, de pesquisa nas demolições aqui no Rio de Janeiro.

Caso você, caro leitor, saiba de ou encontre algum azulejo de qualquer motivo perdido por aí, lembre-se de mim, pois, com certeza, irei buscá-lo!...

Agradecimentos a colecionadores:

Carlos Frascari,
Mauro Campos Martins,
Ruth Werlang Couto.

Referências bibliográficas

- RILEY Noël - "Tile art. A history of decorative ceramics tiles"
- KNOFF, Udo - "Azulejos da Bahia", Cosmos Ed., 1986.
- WEISSER, Michael - "Jugendstilfliesen", Fricke Verlag, Deutschland, s.d.

^(*) Rua Azevedo Lima 49/101
20250-500 - Rio Comprido
Rio de Janeiro, RJ
Tel (021) 273-5775.



ORQUÍDEAS DAS MARGENS DO RIO BANANAL

Maria da Penha K. Fagnani ^(*)

Jorge Reis de Figueiredo

João Marcelo Alvarenga Braga

Massimo G. Bovini

Carlos Ivan da Silva Siqueira

Abstract:

The Bananal river is located in the Guapimirim district in the state of Rio de Janeiro, Brazil. It originates at the Serra dos Órgãos at approximately 1.920 m and after crossing the Guapimirim district ends in the Guapi-Mirim river, at sea level. To begin our floristic survey of Orchidaceae of the Bananal river margins we selected the area which goes from its origin to the Rio-Teresópolis road, the BR-116, at 210 m. This part of the river crosses montane and lower montane rainforest. Fifty seven species and thirty two genera were found during the period of one year. Our species list offers some data which we hope can help the cultivation and preservation of these orchids.

Orquideas das margens do rio Bananal

Continuamos, neste trabalho, o estudo dos diferentes habitats das orquídeas no estado do Rio de Janeiro e a identificação das espécies encontradas. Anteriormente, publicamos dados relativos às espécies da restinga de Massambaba e, desta vez, vamos tratar de orquídeas de comunidade vegetal bem diferente: floresta ombrófila densa. As plantas de restinga são adaptadas para suportar altas temperaturas e pouca umidade. No caso da floresta ombrófila densa, as temperaturas são



amenas e a umidade chega, muitas vezes, ao ponto de saturação. É um ambiente sabidamente rico em epífitas, principalmente quando caminhamos próximo a cursos d'água.

O rio Bananal nasce na Serra dos Órgãos, a cerca de 1.920 m de altitude, e, depois de receber como afluente o rio Soberbo, desemboca no rio Guapi-Mirim, já então ao nível do mar. Faz parte da bacia hidrográfica do rio Guapi que forma, ao desembocar na baía de Guanabara, extensos

manguezais (mapa 1, cf. pag. 64). No seu trajeto, atravessa o município de Guapimirim, medindo, em distância linear, aproximadamente 18.400 m e percorre comunidades vegetais diferentes como, por exemplo: floresta ombrófila densa e brejo herbáceo.

Para facilitar o levantamento das espécies de orquídeas encontradas às margens do rio Bananal, escolhemos, como primeira etapa, a parte do curso do rio que vai desde a nascente até a BR116 (Rodovia Rio-Teresópolis). São cerca de 7.000 m, com altitudes variando de 1.920 a 210 metros. Definimos como margens a distância de até 30 m de cada lado da borda do rio. Nosso método de trabalho foi o de visitas periódicas ao local, geralmente com intervalos de um mês, procurando alcançar as sucessivas florações. Eventualmente, coletamos plantas estéreis que vieram a florir em cultivo, possibilitando a identificação. Depositamos material coletado no herbário da Universidade Santa Úrsula (RUSU), pois sabemos da importância de coletas recentes para atualização de dados das espécies encontradas.

Em um ano de coleta listamos cinquenta e sete espécies. Nesta listagem, anotamos substrato, época de floração, dados relativos a altitude e a posição em relação ao espelho d'água. Segundo dados colhidos na Classificação da Vegetação Brasileira adaptada a um Sistema Universal (Veloso et al., 1991) até 500 m de altitude temos orquídeas de floresta ombrófila densa sub-

montana e, daí para cima, orquídeas de floresta montana. Estas duas comunidades

florestais diferem, principalmente, por fatores ligados a umidade, pois, nas partes baixas, por exemplo, a evaporação é mais intensa, sendo por nós percebida a sensação

de secura nas horas de calor. Caracterizam a floresta montana árvores de maior porte, muitas lianas e maior proximidade entre os indivíduos. Despertam a atenção a presença do palmito *Euterpe edulis* L. e de grande número de epífitas (Rizzini, 1977).

É importante assinalar que mesmo para as orquídeas da floresta submontana a falta de umidade foi sempre atenuada pela proximidade do rio, principalmente no caso das que encontramos crescendo sobre o espelho d'água. Quanto à temperatura podemos dizer que varia conforme a altitude, diminuindo de 1° C para cada 100 m que subimos (Veloso et al.). Na altitude de 230 m, por exemplo, as temperaturas podem variar num ano de 38° C a 8° C.

Não foram coletadas orquídeas acima de 1.000 m de altitude devido a dificuldade de acesso.

As espécies encontradas pertencem a trinta e dois gêneros e segundo Pabst & Dungs (1975, 1977) *Pabstia*, *Promenaea* e *Warmingia* são endêmicas do Brasil. Da mesma fonte anotamos que *Epidendrum Schomburgkii* Lindl. e *Warmingia eugenii* Rehb. f. não estão citadas para o estado do Rio de Janeiro; a



Warmingia eugenii

Carlos Ivan de S. Siqueira



Cyclopogon longibracteatum

Carlos I. S. Siqueira

ocorrência do *E. Schomburgkii* está assinalada para as regiões Norte, Nordeste e SP e a *W. eugenii* para PE, ES, SP, SC e MG. Quanto ao *E. Schomburgkii* foi encontrado na altitude de 240 m crescendo sobre o rio a aproximadamente 4 m de altura, em associação com formigas, que eram em grande quantidade e agressivas. Segundo Dressler (1990) encontramos o *E. Schomburgkii* freqüentemente associado a formigas, alcançando assim o seu melhor desenvolvimento, embora seja



Elleanthus brasiliensis

encontrado também em outros habitats. Estas espécies associadas a ninhos de formigas se beneficiam do maior aporte de minerais trazidos pelas formigas, mas são também protegidas pelas mesmas de outros insetos. Para cultivar este tipo de orquídea precisamos dar suprimento adicional de fertilizantes e inseticidas, imitando assim o que as formigas fazem naturalmente. A única orquídea endêmica para o estado do Rio de Janeiro, ainda segundo Pabst & Dungs (1975, 1977), foi o *Epidendrum hololeucum* Barb. Rodr.

Todas as orquídeas terrestres vegetavam em solo rico, com humus e detritos vegetais. No caso do *Cyclopogon longibracteatus* (Barb. Rodr.) Schltr. o mesmo crescia sobre restos de tronco já em decomposição. Das orquídeas que encontramos pendendo sobre o espelho d'água notamos que o *Pleurothallis hypnicola* Lindl. e o *Elleanthus brasiliensis* Rehb. f., por estarem a baixa

altura, são provavelmente atingidos pela água quando o rio aumenta de volume por ocasião de chuvas que ocorrem com maior intensidade em janeiro. Uma das orquídeas que encontramos a 390 m foi a *Comparettia coccinea* Lindl. que se desenvolvia sobre *Tibouchina* cf. *granulosa* (Desr.) Cogn. (quaresmeira) a aproximadamente 30 m de distância do espelho d'água, convivendo bem com a secura relativa do ambiente. Segundo a nossa observação é a orquídea que tolera ambiente mais seco.

Segundo Rizzini (1954) a família Orchidaceae estaria representada em toda a Serra dos Órgãos por 222 espécies em 66 gêneros. Comparamos os nossos resultados com os dados do trabalho acima e verificamos que houve coincidência de 27 espécies e 24 gêneros. As diferenças são naturais, pois, no nosso caso, os resultados representam apenas um levantamento numa área restrita.

Embora este trecho do rio Bananal percorra uma APA (Área de Proteção Ambiental), o que acontece é que nas partes mais baixas, onde havia uma antiga fazenda, existem casas construídas numa das margens do rio, tendo havido portanto derrubada parcial da floresta, mas as grandes árvores que margeiam o rio foram mantidas.

Observamos também que as orquídeas de maior valor ornamental foram amplamente coletadas, sendo atualmente raras no local, como *Laelia crispa* (Lindl.) Rehb. f., *Miltonia clowesii* Lindl. e *Warmingia eugenii*, por exemplo.

Foi enriquecedor para nós o trabalho conjunto de orquidófilos e biólogos, pois trocamos conhecimentos e experiência humana, mas numa coisa os orquidófilos se destacam: conseguem ver mesmo as menores orquídeas!

Para terminar não podemos deixar de lembrar da importante função hidrológica que desempenha o ecossistema vegetal das margens do rio, pois além de funcionar como estabilizador das ribanceiras, ainda contribui para manter a qualidade da água na bacia hidrográfica.

Bibliografia

- 1 - Cogniaux, A. Orchidaceae. In: Martius, Flora brasiliensis, - vol. 3 (parte 4), 1893-1896, Monachii
- vol. 3 (parte 5), 1898-1902, Monachii
- vol. 3 (parte 6), 1904-1906, Monachii
- 2 - Dressler, R.L. 1990. The Orchids. Natural history and classification. London. Harvard University Press: 332.
- 3 - Dunsterville, G.C.K. & Guray, Leslie A. 1979. Orchids of Venezuela. An illustrated field guide. Harvard University: 1055.
- 4 - Fagnani, M.P. & Siqueira, C.I.S. 1992. Orquídeas da restinga de Massambaba. Orquidário, 6 (2): 51-54.
- 5 - Fagnani, M.P. & Siqueira, C.I.S. 1993. Orquídeas da restinga de Massambaba - II. Orquidário, 7 (2): 59-62.
- 6 - Hoehne, F.C. Flora brasílica. 1945. Volume 12 (2). São Paulo. Instituto

de Botânica.

- 1953. Volume 12 (7). São Paulo. Instituto de Botânica.

7 - Pabst, G.F.J. & Dungs, F. Orchidaceae Brasiliensis, Band I, 1975. Germany. Brücke-Verlag Kurt Schmiersow.

- Band II, 1977. Brücke-Verlag Kurt Schmiersow.

8 - Rizzini, C.T. 1954. Flora Organensis. Arq. J. Bot., 13: 117-243.

9 - Rizzini, C.T. 1977. Tratado de fitogeografia do Brasil. Aspectos sociológicos e florísticos, vol. 2. São Paulo. Hucitec: 374.

10 - Veloso, H.P., Rangel Filho, A.L.R., Lima, J.C.A. 1991. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. Rio de Janeiro. IBGE: 123.

Agradecimentos:

A Prof. Regina Helena P. Andreato, da Universidade Santa Úrsula.

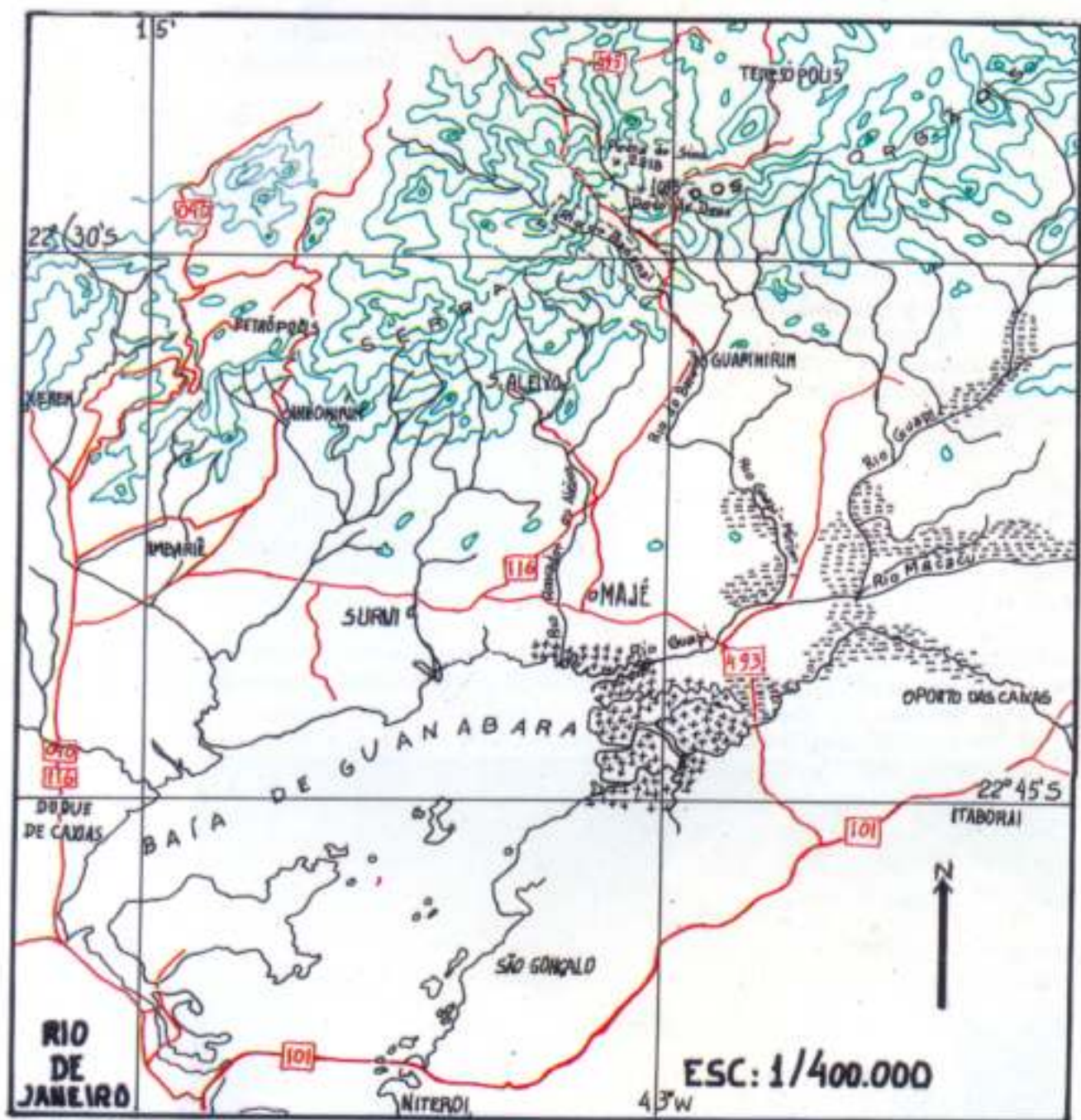
A Francisco Miranda e Carlos Eduardo de Brito Pereira, pelo auxílio na identificação de *Epidendrum hololeucum* Barb. Rodr. e *Oncidium pubes* Lindl.

* Rua das Palmeiras 93 /apto.803
CEP 22270-070 - Rio de Janeiro RJ



Epidendrum hololeucum

Carlos Ivan da Silva Siqueira



Orquídeas do Rio Bananal

Espécies	Floração	*Altitude	**Substrato
<i>Bifrenaria harrisoniae</i> (Hook) Rchb.f	Outubro	SM	rupícola A
<i>Campilocentrum lansbergii</i> (Rchb. f) Schltr.	Março	SM	epífita
<i>C. Ulaei</i> Cogn.	Março	SM	epífita A
<i>C. selowii</i> (Rchb. f.) Rolfe	Agosto	SM	epífita A
<i>Comparettia coccinea</i> Lindl.	Março	SM	epífita
<i>Cyclopogon argyriifolius</i> Barb. Rodr.	Outubro	SM	terrestre
<i>C. congestus</i> (Vell.) Hoehne	Julho	SM	terrestre
<i>C. elatus</i> (Sw.) Schltr.	Julho	M	epífita/terrestre
<i>C. longibracteatus</i> (Barb. Rodr.) Schltr.	Agosto	M	terrestre
<i>Dichea graminoides</i> Lindl.	Março	SM	epífita
<i>D. pendula</i> (Aubl.) Cogn.	Novembro	M/SM	epífita
<i>Elleanthus brasiliensis</i> Rchb.f	Fevereiro	SM	epífita A
<i>Epidendrum difforme</i> Jacq.	Fevereiro	M	epífita
<i>E. hololeucum</i> Barb. Rodr.	Julho	M	epífita
<i>E. imbricatum</i> Lindl.	Setembro	SM	epífita
<i>E. klueppelianum</i> Pabst	Julho	M	epífita
<i>E. latilabre</i> Lindl.	Junho	M	epífita
<i>E. ochrochlorum</i> Barb. Rodr.	Junho	M	epífita A
<i>E. ramosum</i> Jacq.	Janeiro	M	epífita A
<i>E. Schomburgkii</i> Lindl.	Junho	SM	epífita A
<i>Erythrodes arietina</i> (Rchb.f. & Warm.) Ames	Outubro	M	terrestre
<i>Eurystyles cotyledon</i> Wawra	Abril	M	epífita
<i>E. lorenzii</i> (Cogn.) Schltr.	Agosto	M	epífita
<i>Gomesa Barkeri</i> Regel	Maio	M	epífita
<i>G. crispa</i> (Lindl.) Kl. & Rchb.f.	Agosto	M	epífita
<i>G. foliosa</i> Klostzch & Rchb.f.	Julho	M	epífita
<i>G. laxiflora</i> (Lindl.) Kl. & Rchb.f.	Agosto	M	epífita
<i>G. planifolia</i> (Lindl.) Kl. & Rchb.f.	Junho	M	epífita

*Abaixo de 500 m → SM

acima de 500 m → M

** Orquídeas crescendo diretamente sobre a água → A

<i>G. recurva</i> R. Br.	Agosto	M	epífita
<i>G. spp</i>			
<i>Gongora bufonia</i> Lindl.	Novembro	SM/M	epífita
<i>Hapalorchis lineatus</i> (Lindl.) Schltr.	Julho	M	terrestre
<i>Laelia crispa</i> (Lindl.) Rchb.f.	Fevereiro	SM	epífita
<i>Lankesterella ceracifolia</i> (Barb. Rodr.) O. Ames	Julho	SM	epífita
<i>Liparis nervosa</i> (Thumb.) Lindl.	Março	SM	rupícola A
<i>Masdevallia infracta</i> Lindl.	Novembro	M	epífita
<i>Maxillaria acicularis</i> Herb	Setembro	SM	epífita
<i>M. crassifolia</i> Rchb.f.	Outubro	SM	epífita A
<i>M. leucaimata</i> Barb. Rodr.	Fevereiro	M	epífita A
<i>M. rufescens</i> Lindl.	Novembro	SM	epífita
<i>Miltonia clowesii</i> Lindl.	Fevereiro	SM	epífita A
<i>Octomeria linearifolia</i> Barb. Rodr.	Novembro	M	epífita/rupícola
<i>Oncidium pubes</i> Lindl.	Julho	SM	epífita
<i>Ornithidium chloroleucum</i> Barb. Rodr.	Março	SM/M	epífita
<i>Pabstia sp.</i>	Dezembro	M	epífita
<i>Pleurothallis arcuata</i> Lindl.	Junho	M	epífita A
<i>P. caespitosa</i> Barb. Rodr.	Maior	M	epífita
<i>P. curti-iradei</i> Pabst	Outubro	M	epífita A
<i>P. hypricola</i> Lindl.	Julho	SM/M	epífita A
<i>P. pe'loxanta</i> Barb. Rodr.	Fev. a Julho	M	epífita
<i>P. spp.</i>			
<i>Polystachia Estrellensis</i> Rchb. f.	Março	SM	epífita
<i>Prescottia plantaginea</i> Lindl.	Julho	SM	terrestre
<i>Promenaea stapelioides</i> Lindl.	Dezembro	M	rupícola/epífita
<i>Sarcoglotis fasciculata</i> (Vell.) Schltr.	Setembro	SM	terrestre
<i>Tetragamestus modestus</i> Rchb.f.	Maior	SM	epífita
<i>Trizeuxis falcata</i> Lindl.	Novembro	SM	epífita
<i>Xylobium variegatum</i> (Ruiz et Pavon) Mansf.	Julho	SM	epífita
<i>Warmingia eugenii</i> Rchb. f.	Outubro	SM	epífita
<i>Warrea tricolor</i> Lindl.	Fevereiro	SM/M	terrestre

O mistério se adensa...

Gongora nigrita Lindl. - *Gongora pleiochroma* Rehb. f.

Waldemar Scheliga (*)

Em Orquidário, vol.7, n°2, 1993, p. 63-71, publicamos o artigo "*Gongora minax* Rehb.f- *Gongora atropurpurea* Hooker - *Gongora pseudo-atropurpurea* Jenny - *Gongora nigrita* Lindl. - Quatro Espécies em Questão", expondo as diferentes características de cada uma dessas espécies. O objetivo da divulgação, com base nas descrições originais, era um apelo para encontrar material de uma verdadeira *Gongora nigrita*, que correspondesse ao Typus de Lindley.

Na Europa não se encontra *Gongora nigrita* em cultivo e, pelas notas de Lindley, sabe-se apenas que a planta por ele descrita procedia da região Demerara, na, então, Guiana Inglesa, sem mais detalhes sobre a disseminação da mesma.

O pouco interesse, também no Brasil, pelo cultivo dessa espécie pode ser atribuído à aparência modesta das flores, despidas de colorido vistoso. As pequenas flores, bem como a longa haste floral, são, quase uniformemente, de colorido castanho-escuro, que não causa impacto visual. A planta, no entanto, é muito fácil de cultivar em clima quente.



Gongora pleiochroma Rehb. f.

Em Die Orchidee 36 (4) 1985, JENNY - autor de uma monografia revisada sobre o gênero - declarou, textualmente: "Na verdade nada se conhece de positivo sobre a distribuição geográfica da *Gongora nigrita*, de seu odor ou de seu polinizador. Seria altamente interessante saber se uma planta identificável com a descrição de Lindley estará sendo cultivada em algum lugar. Apesar das minhas buscas intensas, ainda não consegui encontrar uma legítima *Gongora nigrita*." Essa pesquisa já dura dez anos e continua se mostrando infrutífera.

No Brasil, segundo HOEHNE (cf. "Flora Brasílica", São Paulo, 1942, vol.XII, part. VI, pag.199) a *Gongora nigrita* ocorre nas "nas Guianas e norte do Brasil" e, na sua "Iconografia de Orchidaceas do Brasil"(1949), o mesmo autor relata suas viagens pelos rios Juruena e Tapajós e menciona várias vezes ter visto essa planta naquela região. Por seu lado, o Botânico e Orquidólogo FRANCISCO MIRANDA, que, na década de 80 trabalhou, em Manaus, como pesquisador no Departamento de Botânica do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA confirma que a *Gongora nigrita* é muito comum nas matas dos estados do Amazonas e do Pará, principalmente na faixa ao sul do Rio Amazonas.

Finalmente, pareceu-me ter conseguido, por intermédio do meu amigo e orquidófilo Renato Duarte de Barros, de Belém do Pará dois exemplares de *Gongora nigrita*, que floriram em fevereiro de 1994, aparentemente com as características descritas por Lindley. Uma das plantas chegou a produzir três hastes florais, com de 16 a 18 flores cada. Ao desabrocharem foram avidamente

procuradas por enxame de 30 a 40 abelhas do gênero *Euglossa*, que passaram o dia assediando as flores, do que resultou na polinização de 60% delas.

Fotografias, flores e abelhas conservadas em álcool foram enviadas por mim a JENNY, na Suíça, que, por sua vez, transferiu parte do material para seu amigo e renomado taxonomista Robert DRESSLER, Flórida, E.U.A.

Parece, contudo, que ainda não foi dessa vez que DRESSLER obteve resposta à pergunta que fez, em 1966, no *Orchid Digest*, escrevendo que bem gostaria de saber o que Lindley tinha diante de si quando descreveu a *Gongora nigríta*: "I would especially to know what Lindley had when he described *Gongora nigríta*". Em recente visita aos Estados Unidos, Rudolf JENNY encontrou-se com DRESSLER e os dois, conjuntamente, examinaram o material que lhes mandara da minha *Gongora nigríta*. Chegaram à conclusão de que se tratava, na verdade da espécie *Gongora pleiochroma* Rehb. f.

Segundo DRESSLER e JENNY, a *Gongora pleiochroma* é largamente disseminada na região amazônica brasileira, como na da Venezuela e, também, no Perú e Equador. As primeiras plantas foram coletadas na região de Iquitos, Perú, fronteira com o Brasil. Como a espécie é muito difundida,

apresenta-se extremamente variável na coloração e tem sido, constantemente, objeto de classificações errôneas, apesar de serem razoavelmente claros os caracteres específicos apontados por Reichenbach.

Pelo visto, voltamos à estaca zero e continuamos a buscar uma *Gongora nigríta* Lindl., verdadeira... Só o futuro nos dirá, após pacientes estudos de plantas de locais diferentes, principalmente das regiões dos rios Juruena e Tapajós, se o mistério pode, finalmente, ser desfeito.

Vale lembrar que a *Gongora nigríta* produz flores odoríferas e seu forte aroma serve de chamariz para grande número de abelhas do gênero *Euglossa*, no momento em que desabrocham. Consequentemente as anteras são esvaziadas e os estigmas recebem as pólenas de flores de exemplares diferentes e, assim, se multiplicam as variedades e formam-se, constantemente, novas espécies nas regiões em que vegetam. Este é um comentário de F.C. HOEHNÉ na já mencionada *Flora Brasílica* e nessa observação pode conter-se a chave do mistério.

○ Rua Alnte. Saddock de Sá 133/401
22471-030 - Rio de Janeiro, RJ.



Pedidos e Informações:

A.B. Gomes Ferreira.

Rua do Paissandú 678/902

53570-220 - Recife, Pe. Tel. (081)459-1016.

Autoestabilizante do pH (5,3).

Duração, mínima, de 4 anos.

Consulte-nos sobre o Revendedor Autorizado
mais perto de você.

Aceitamos novos revendedores.

Escrevam-nos.

Propagação de Orquídeas Simpodiais utilizando "backbulbs".

Giulio Cesar Stancato (*)

Lilian B.P. Zaidan

Orquídeas simpodiais podem ser propagadas pela divisão de plantas adultas, de modo que várias gemas axilares nas bases dos pseudobulbos são estimuladas a se desenvolverem.

As mais importantes espécies comerciais de orquídeas, incluindo *Cattleyas*, *Laelias*, *Miltonias* e outras, podem ser propagadas por esse método, sendo a divisão feita durante a estação de repouso. Segundo HARTMANN e KESTER (1983), o rizoma é seccionado, deixando-se de 4 a 5 pseudobulbos na nova seção e o "backbulb", no qual as folhas já secaram. A remoção da nova seção do rizoma estimula a brotação das gemas viáveis na parte mais velha, ou "backbulb".

De acordo com GOH (1990), para essa prática convencional de propagação de orquídeas simpodiais, uma planta matriz pode gerar outras 3 ou 4 plantas. Assim, quando já existe um "stand" considerável de um clone estabelecido, o método convencional de "shoot-cutting" utilizando "backbulbs" é tanto econômico, como seguro para multiplicá-lo.

Com o objetivo de determinar a influência de alguns fatores na brotação e enraizamento em "backbulbs", foi montado um ensaio com a espécie *Cattleya labiata* Lindl., 'tipo' (ORCHIDACEAE).

METODOLOGIA

Trinta e seis "backbulbs" da espécie *Cattleya labiata* Lindl. 'tipo' (ORCHIDACEAE), com número variável de pseudobulbos, folhas e gemas, foram separados das plantas-

mães, 20 dias antes da montagem do ensaio. Parte deles foi acondicionada em sacos plásticos transparentes (1), tendo sphagnum umedecido como substrato e, parte, em sacos de polietileno escuros (2).

Os seguintes tratamentos foram feitos: A - 1,0 µg/gema de 2,4-D (auxina) aos 0, 20 e 40 dias, sendo que as gemas foram envoltas em algodão hidrofílico, com a finalidade de reterem a solução aquosa com o fitormônio; B - idem ao tratamento A, porém utilizou-se, aqui, uma solução aquosa com 1,0 µg/gema de BAP (citocinina); e, C, aplicação de água destilada (controle). Foram feitas seis repetições por tratamento.

Após cada aplicação os sacos plásticos foram totalmente vedados, mantendo-se, assim, um teor de umidade constante.

Todos os sacos plásticos contendo os "backbulbs" incubados ficaram em estufa, suspensos em estrutura metálica (suporte), recebendo fotoperíodo natural durante o período experimental.

As temperaturas mínimas e máximas médias foram: 20-32°C (out.), 23-36°C (nov.), 24-36°C (dez.) e 22-34°C (jan.).

Após noventa dias da instalação do ensaio foi realizada uma única amostragem, na qual avaliou-se o peso de matéria seca das brotações, peso de matéria seca das raízes e o número de gemas que brotaram.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não ocorreu brotação de gemas nos "backbulbs" incubados em sacos de polietileno escuro (2), independente da aplicação de fitormônios ou água destilada. Por época da avaliação final, essas gemas apresen-

tavam-se visualmente sadias, permanecendo, porém, em condição idêntica à de quando do início do experimento.

Por outro lado, os dados obtidos mostram que sacos plásticos transparentes são adequados para obtenção de novas plantas, já que nos três tratamentos ocorreram brotações (Quadro 1). "Backbulbs" com números de pseudobulbos, folhas e gemas diferentes apresentaram brotação semelhante, não diferindo, estatisticamente, entre si. (Teste F) Isto mostra que a brotação de gemas nessas estruturas de propagação não depende desses parâmetros, ao contrário do que afirmou SHEEHAN (1980), indicando a necessidade de, pelo menos, três pseudobulbos no "backbulb".

A formação de raízes nessas estruturas, também, não apresentou diferenças estatísticas significativas, mas das seis repetições utilizadas em cada tratamento, três apresentavam raízes no tratamento 1A (auxina), cinco no tratamento 1B (citicinina) e duas no tratamento 1C (controle).

CONCLUSÕES

- Sacos plásticos escuros não são adequados para multiplicação de orquídeas simpodiais através do método de "backbulb";

- A brotação de gemas nessas estruturas de propagação não depende do número de pseudobulbos, folhas ou gemas;

- Não foram observadas diferenças na brotação de gemas tratadas com os fitormônios (2,4-D, BAP) e água.

GLOSSÁRIO

1 - Backbulb - é um termo técnico, da língua inglesa, que significa traseiro, ou lodo, aqui no Brasil.

2 - "Shoot-cutting" - estrutura de multiplicação assexuada, utilizando-se pedaços da parte aérea das plantas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOH, C.J. 1990. Orchids monopodials. In: Handbook of plants cell culture. Vol. 5, chapter 25. Ammirato, P.V; D.R. Evans; W.R Sharp and Y. P. S. Bajaj (eds). McGraw-Hill Publishing Co., New York, USA, p. 598-653.

HARTMANN, H.T. e D.E. KESTER 1983. Assexual propagation. In: Plant Propagation - Principles and practices. Stone, J.L. (ed). Prentice-Hall, Inc., NJ,USAS. 4ª edition, pags. 491-521.

SHEEHAN, T.J. 1980. Orchids. In: Introduction to Floriculture. Chapter 5 Larson, R.A. (ed) Academic Press, New York, USA, pags. 133-164.

© Instituto de Botânica.

C.P. 4005.

01061-970. São Paulo, SP.



Quadro 1. Parâmetros avaliados em "backbulbs" incubados em sacos plásticos transparentes e aplicações de 1 µg/gema de 2,4-D (auxina), BAP (citocinina) ou água destilada, aos 0, 20 e 40 dias de incubação, sob condições de estufa e fotoperíodo natural, nos meses de out. a jan., no ensaio de propagação de orquídea simpodial, utilizando-se "backbulbs" da espécie *Cattleya labiata* Lindl.

Tratamento 1a - Saco plástico transparente + auxina (2,4 - D)					
Nr. de pseudobulbos	Nr. de folhas	Nr. de gemas	Nr. de gemas que brotaram	Peso de mat. (mg)seca,brotos	Peso de mat. (mg)seca,raízes
4	3	6	1	70,5	64
3	2	3	1	55	0
6	0	5	1	72,5	55,5
4	0	4	1	60	0
4	0	1	1	58,5	49,5
3	0	2	2	35,5/40,5	49,5
Tratamento 1b - Saco plástico transparente + citocinina (BAP)					
3	2	4	1	45,0	40,5
2	1	3	1	52	44,5
5	0	2	3	41,0/35,5	48
3	0	3	0	0	0
3	0	3	2	33,5/30,5	51,5
2	0	1	1	37,5	30
Tratamento 1c - Saco plástico transparente + água destilada (controle)					
5	2	3	1	60,5	52
2	2	3	1	63	65,5
1	1	2	1	47,5	0
4	0	5	1	55,5	0
3	0	3	1	41	0
3	0	4	0	0	0

Orquidófilos e Produtores

- ✓ Serviços de micropropagação de orquídeas (Lab. próprio)
- ✓ Projetos de Recuperação e adaptação de estufas com ambiente semi-controlado
- ✓ Projetos de produção em parceria
- ✓ Consultoria técnica

Eng. Agrôn. Carlo Corabi

Tel. (021)742 3408

C.P. 91944
25951-970 Teresopolis, RJ

Se me pedissem para definir José Alberto Lhamas numa só palavra, ou, como está tão em moda, atribuir-lhe um signo zodiacal, eu responderia: **caramujo**, mesmo sabendo que ainda não entrou na astrologia esse animalzinho tão simpático e sábio que onde vai leva consigo a própria casa, para não ter o trabalho de fechar-se e esconder-se quando necessário...

Esse mineiro de Bicas, afável, discreto e em cujas veias corre o generoso sangue espanhol, descobriu cedo a orquídea, como objeto menos de lazer do que de estudo e fruição artística. Quando alguém lhe pergunta como e quando começou, conta uma pequena história já envolvida pelas brumas do tempo e com os dedos faz o gesto característico de quem quer dizer que "bote tempo nisso..."

Assim é o nosso José Alberto, que costuma dizer, brincalhão, que Alberto, como os seus amigos costumam chamá-lo, era seu pai, ele é um **José**, como outro qualquer, dos muitos que andam por aí e que, por isso, não se sente credor de homenagens como a que lhe prestou Álvaro Pessoa, registrando como *Slc*. Alberto Lhamas um dos excelentes cruzamentos que, de quando em quando, faz, para preencher um momento de pouca flor, como é o final do inverno...

Porque estou retratando uma pessoa só conhecida de um pequeno círculo, ao envez de retratar um dos nomes mais evidentes da orquidofilia brasileira?

Porque é com pessoas assim, com uma enorme contribuição já prestada, discretamente, à nossa orquidofilia, que se deve escrever a melhor parte da história da orquidicultura brasileira. Alberto Lhamas,

melhor dizendo José Alberto Lhamas não é um qualquer, mas um grande orquidicultor, que põe na sua atividade todo refinamento que pôs na sua vida. Foi Advogado, profissão que, de puro cansaço, largou para se tornar o Antiquário que, hoje, é, em Teresópolis, aqui no estado do Rio de Janeiro. Aproveita-se disto, para, na loja em que exhibe belos objetos antigos de arte e artesanato, receber os velhos amigos e os novos que vai fazendo, todos atraídos pela beleza das orquídeas que tem em exposição permanente na sua loja, e que são o seu modo constante de difundir o interesse pela orquídea. Quantas vezes já vi pessoas entrarem na loja do Antiquário Alberto

Lhamas, atraídas não pelos objetos expostos à venda, mas querendo comprar, uma belíssima *Blc.*..., de flor bem grande como as que o nosso amigo gosta de cultivar (só gosto de "prato de sopa", costuma dizer, sorrindo, mas já vi expostos na sua loja pequenos *Oncidium* e muita miniatura...). Paciente,

responde que as orquídeas não estão à venda, mas como ornato. Desse começo, estejam certos, resulta uma grande e esticada conversa, dessas em que os mineiros são mestres inigualáveis, como resulta, também, um novo orquidófilo, que não leva a planta que queria comprar, mas que acaba sendo convidado para, um dia, visitar o sítio que já se tornou um especial habitat de *Dendrobium* e, também, de *Cattleya labiata autumnalis*, e onde sua mulher, Lisia, mantém um lindo plantel de cisnes, flamingos, pavões e outras aves aquáticas. Acaba, também, ganhando cortes e mais cortes daquela *Blc.*, como de muitas outras plantas especiais, como, ainda e se o nosso neófito se interessa por cultura assimbiótica, saquinhos de preciosas sementes, porque esta é uma das facetas do nosso orquidófilo José Alberto Lhamas, o gosto de "fazer" plantas e de aperfeiçoar



espécies (para os que não sabem, alguns dos bons cruzamentos que exibem ou exibiram os catálogos de estabelecimentos importantes como a Florália, a Equilab e outros, são de sua discretíssima e generosa autoria, pois é um artista que se impôs, como missão, difundir a beleza.

Mas difundir, assim, dentro das suas condições... Que ninguém o chame, por exemplo, para participar de uma exposição, ou para escrever um trabalho, para difundir os múltiplos conhecimentos (uma e outra coisa, já tentei infrutiferamente), a pesar de, no passado, ter sido um dos mais ativos membros de um fugaz Grupo Orquidófilo Serrano, que existiu em Teresópolis e que reunia conhecidos cultivadores e chegou a publicar um Boletim, que, como já se escreveu nesta revista, foi a protohistória de Orquidário.

O que é importante, porém, nestes Perfis é o lado orquidófilo, qual a contribuição que o retratado tem dado à orquidofilia, qual o seu papel. De outro modo, tratar-se-ia apenas de exercício de amizade e de confraria.

Quem conhece José Alberto Lhamas, sabe do rigor e da seriedade com que ele se dedica à orquidicultura, como, aliás, a tudo que fez e faz na sua vida. Como disse, foi advogado bem sucedido. É e sempre foi um

cinéfilo apaixonado, dedicando-se, hoje, por simples prazer artístico e cultural a sua loja de antiquário, na verdade um bastião avançado da orquidofilia brasileira... Explico, o nosso perfilado decora sua loja de antiguidades, com a sua produção semanal de orquideas (que não é pequena!) e com isso atrai grande número de pessoas, que entram na loja querendo comprar as orquideas, não os objetos de arte e coisas antigas que estão à venda. Como já disse, depois de algum tempo de conversa e de ter-se tornado um novo orquidófilo, o visitante passou a engrossar, com certeza, a lista de novos associados da OrquidaRio (se se pudesse fazer uma pesquisa quanto a quais são os maiores divulgadores da nossa sociedade, descobrir-se-ia que, anonimamente, José Alberto Lhamas, esse lobo solitário da orquidofilia brasileira, está entre os que muito contribuíram para o ingresso de novos sócios na OrquidaRIO).

Tudo isto, essa personalidade rica e multiforme tornam-no um dos pontos obrigatórios de referência na geografia orquidófila no estado do Rio de Janeiro.

Raimundo Mesquita

Florabela Orquideas

Reserva orquidófila em mata nativa recuperada.
Mata artificial de Dmcenas, além de orquidários convencionais.
Érico de Freitas Machado.

CP 01-0841

29.001-970 - Vitória, ES. Tel. (027) 227-6136.

44 anos de experiência, protegendo mais de 400 espécies do Espírito Santo.

Pelas Livrarias

Monograph of the Genus *Gongora*
Ruiz & Pavon, Ed. Koeltz Scientific Books,
RR7, Box 39, Champaign, Illinois, USA.

Nosso associado Rudolf Jenny, da Suíça acaba de lançar, sob o título acima, o primeiro estudo completo sobre o gênero *Gongora* desde a sua primeira descrição, de 1794. Com minúcia, trata de todas as espécies em cultivo, fazendo-as acompanhar dos dados científicos e de farta ilustração a cores, além de reproduções fac-similares de publicações antigas onde saíram as descrições originais. Revê, quase completamente, a classificação do gênero, assim como introduz informações valiosas sobre a ecologia da polinização, cultivo, distribuição geográfica e históricos. Inclui, também, algumas descrições de espécies novas, lista as espécies conhecidas e inclui chave. Trata-se de trabalho sério e profundo, que consumiu do autor 10 anos de trabalho, pesquisas e estudos.

É, indiscutivelmente, um livro para ter nas nossas bibliotecas, inclusive pela beleza e acabamento gráfico, de primoríssima ordem.

Waldemar Scheliga

As Dúvidas dos Sócios

"Em meu orquidário, após o aparecimento de manchas circulares (formadas de pequenos pontos, semelhantes a pingos tipo 'bico de pena'), usei vários inseticidas sistêmicos e não consegui nenhuma melhora. As manchas, por mim consideradas, fúngicas aumentaram. Consegui o exame em laboratórios de duas faculdades de agronomia e os resultados foram: 'mosaico', de uma amostra e 'virose' de outra amostra.

Cortei as folhas de planta em planta, como recomendado pelas faculdades, flambando antes a tesoura e separei (no mesmo ripado) as plantas para observação.

Estou preocupado em relação às

outras plantas. Virose passa de uma planta para outra por estar próxima ou só passa através de corte de flor, bulbo, folha e raízes pelo uso de instrumentos de corte contaminados?"

Octavio dal Rio Jr.
R. Barão de Monte Santo, 825
13730-000, Mococa, São
Paulo, SP.

Resposta - Você tem razão de estar preocupado. As viroses são doenças incuráveis, que se transmitem com muita rapidez e facilidade. É certo que a maneira mais comum de transmissão é a que você indicou, instrumento de corte não esterilizado, mas existem outras, como picadas de insetos, lesmas que sugam uma planta infectada e, depois, outra sadia, raízes de planta doente que penetram no substrato de outra planta sadia, as nossas unhas, quando descuidadamente destacamos uma flor, ou uma bainha, uma infinidade de causas, enfim...

Infelizmente, cortar a folha não resolve, como lhe aconselharam. As viroses quando se manifestam, como aconteceu com suas plantas, já estão em todos os segmentos da planta. **VIROSE NÃO TEM CURA.** A única solução, para prevenir uma epidemia, é destruir, queimando, a planta.

Se suas plantas afetadas são de alto valor ou de sua estimação, você tem duas possibilidades não de salva-las, mas de reproduzi-las: por semeadura, fazendo uma auto-polinização, quando floridas; ou mandando fazer clones, por meristema. Dizem as autoridades no assunto, que, por alguma razão, as viroses não se transmitem às sementes ou ao meristema. Agora, se você for usar algum desses métodos, isole bem as plantas, não as mantenha convivendo, lado a lado,

com outras no seu orquidário.

Permita agora, uma observação final. Para infecção fúngica, inseticidas, sistêmicos ou não, não servem, mas sim um bom fungicida.

Editoria

"Aproveito o ensejo para fazer algumas consultas e perguntas:

- Qual o meio de cultura mais apropriado para sementeira de *Cattleya*, além dos já citados nos seus artigos? Vou fazer sementeira de *Cattleya*, *Laelia crispa*, *Catasetum fimbriatum* x (*tigrinum* x *denticulatum*) e de *Oncidium*. Você aconselha um meio específico para cada tipo de cultura. Penso usar dois tipos para cada sementeira. Um com meio de tomate e, outro, com meio mais ácido, de abacaxi.

- Tenho uma pequena coleção de *Catasetum*, mas não possuo alguns, como: *Ctism. araguayensis*, *micranthum*, *microflorum*, *pileatum*, *purum*, *spitzii*, *tenebrosum*, *taquariensis*, entre os mais fáceis de adquirir aqui no Brasil. Dos estrangeiros não possuo nenhum. Tenho, para permuta *Ctism. fimbriatum* em algumas variedades, além de *Cattleya nobilior*, *Encyclia amicta* e outras plantas que, eventualmente, possam interessar aos que possuam as espécies acima citadas e queiram permutar."

Izaias Gomes Ferro Jr.

Campo Grande, MS.

Prezado Izaias,

Você, bem provavelmente e com justa razão, já me estava pondo na categoria dos relapsos, pela demora na resposta à sua carta. Faz mais de ano que você escreveu a carta acima e, cer-

tamente, já fez a sementeira para que consultava. A explicação é que, ao invés de lhe dar uma resposta pessoal, deixei a carta para o expediente da revista, pelo interesse geral que ela poderia despertar, e assim se extraviou, só agora sendo recuperada. Ainda assim pareceu-me importante publicá-la, porque, embora possa já não ter interesse para você no que toca à consulta sobre sementeira, há, nela o seu interesse, permanente, na permuta de plantas, que é, assim divulgado.

De qualquer modo, sobre sementeira e meios de cultura:

- além dos três que você cita, tomate, banana e abacaxi, não conheço outros tão baratos, simples e fáceis de preparar e usar. Por sugestão de Carlos Eduardo de Brito Pereira, andei usando, também, suco de tomate com cenoura, tal como cheguei a divulgar, mas sem resultados apreciáveis.

- De minha experiência, o substrato com banana é ótimo para *Oncidium* e aliados, assim como para *Phalaenopsis*, enquanto que tomate é perfeito para os outros gêneros que você cita. Banana é muito bom para repique, sobretudo quando recebe uma adição de água de coco.

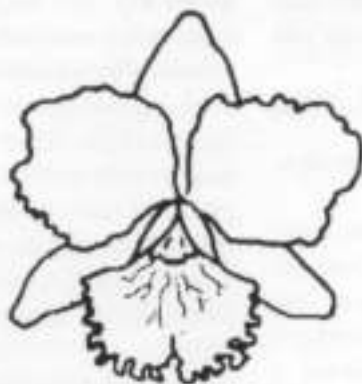
Agora esses, seria o caso de passar às formulações mais complexas. Para tanto sugiro que consulte o clássico estudo sobre sementeira, que consta, como Apêndice, da obra *Orchid Biology, Reviews and Perspectives*, II, editado por Joseph Arditti.

Por último, um recado pessoal: não esqueci do seu corte da *C. Chocolate Drop*. Está sendo preparado.

Raimundo Mesquita



ORQUIDÁRIO



LINEU ROBERT®

HÍBRIDOS - NATURAIS - MERISTEMAS
BRASIL - PERÚ - COLÔMBIA

Cattleya - Cymbidium - Paphiopedilum
Masdevallia - Phragmipedium - Dendrobium
Odontoglossum. 92 gêneros
de plantas nacionais e importadas.

HYBRIDS - SPECIES - MERICLONES
BRAZIL - PERU - COLOMBIA

92 Genera of Brazilian
orchids and other countries

WRITE FOR FREE PRICE LIST
SOLICITE NOSSA LISTA GRATUITA

ORQUIDÁRIO LINEU ROBERT

AVENIDA ÁGUA VERDE 588
CURITIBA, PR - BRASIL - CEP 80620-200
FONE: (041) 243-0566
FAX: (041) 262-6819

ARANDA

Espécies e Híbridos - Species and Hybrids



Phalaenopsis Antarctic

Aranda Orquídeas
Escritório/Office
Rua Senador Dantas, 75/907
RJ. 20031-201
Brasil

Nursery
Estrada do Quebra-Frasco, s/n
Teresópolis
RJ. Brasil

Telephone: (55 21) 220 2617
Fax : (55 21) 220 6200

